

**ERIC HOBSBAWM (1917- 2012)
UM INTELLECTUAL PARA ALÉM DE SI MESMO**

Ricardo Luiz Sapia de CAMPOS ¹

Eric John Ernest Hobsbawm nasceu em 09 de junho de 1917 na cidade de Alexandria, então sultanato do Egito sob domínio britânico, e faleceu em Londres no dia 1º de outubro de 2012 aos 95 anos. Destaco pontualmente alguns aspectos sobre o autor e a sua obra. Tanto sobre o “homem de convicção” que foi Hobsbawm, quanto com relação a formação de classe nos movimentos ditos milenaristas.

O primeiro aspecto diz respeito à vida de Hobsbawm “ser história”. Filho de Leopold Hobsbaum (outra grafia do nome), judeu britânico e de Nelly Grün judia austríaca, tendo vivido sua infância e juventude entre as cidades de Berlim e Viena. Condições que *de per si* o coloca no epicentro do furacão das principais transformações que se seguiram na história do século XX. Lembrando que pouco antes, em 1914, ocorre o assassinato do Arqueduce Ferdinando da Áustria desencadeando uma profunda crise que se seguiu a primeira Grande Guerra, e que viria a ter desfechos trágicos até o final da Segunda Guerra Mundial. Como se sabe “ser judeu” era suficientemente comprometedor. Nasce em 1917, ano da Revolução de outubro conforme a tradição política que pertencia preferia chamar.

Não bastasse o vínculo atávico suficientemente comprometedor do seu nascimento (pertencimento), vivendo no epicentro duma crise que determinaria os rumos do século XX optou, (agora sim uma escolha!) pelo lado comunista em 1936, lembrando que em 1933 havia se mudado (os pais já haviam falecido) para Londres. Não poderia fazer o acaso ano mais emblemático que aquele 1933 com a ascensão de Hitler ao poder. Londres, assim como Paris, era capital europeia que despontava com o “desabrochar” das multidões confusas e misturadas nos conturbados centros urbanos conforme gostava Walter Benjamin (1989). O PC britânico do qual interessantemente Hobsbawm só sairia em 1956 contrariado pela invasão soviética à Hungria, era naquele momento uma possibilidade que tinha, como se sabe, o socialismo real soviético como vitrine. Hobsbawm durante a Segunda Guerra foi membro do Exército britânico esteve na resistência desde cavando trincheiras até o alto serviço de

¹ UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Departamento de Sociologia. Coordenador do Grupo de Estudos: Capitalismo Cognitivo, ruralidade e agricultura Araraquara – SP - Brasil. 14.800-901 - sapiacampos@yahoo.com.br

inteligência. Mas foi depois, com o fim da guerra que se formou dentro do partido comunista o grupo conhecido como “historiadores britânicos que além do próprio Hobsbawm contava com nada menos que Crhistopher Hill, Edward Thompson, e Rodney Hilton. Sua convicção e autenticidade de “homem total” foram incontestáveis. No discurso de encerramento do Colóquio sobre historiografia marxista promovido pela Academia britânica em 2004 apresentando o Manifesto para a renovação da história, Hobsbawm inicia seu pronunciamento reafirmando e revigorando a figura do intelectual engajado. Inicia sua intervenção pronunciando as *Teses sobre Feuerbach* de Marx: “Até agora os filósofos não fizeram mais do que interpretar o mundo, o que importa é transformá-lo.” Não por acaso o título do último livro que escreveu seja justamente: *Como mudar o mundo* (HOBSBAWM, 2011).

Hobsbawm se formou em história com bolsa de estudos da universidade de Cambridge tendo ao longo da vida sido agraciado com vários prêmios e reconhecimentos, como é de conhecimento público. Sua obra tem importância decisiva e destacada tanto na história do século XX que lhe formou quanto em seguidas gerações de historiadores ou não. De qualquer maneira penso que Hobsbawm não poderia ter outra profissão que não a de historiador. Ou dito de outra maneira, nada poderia ser mais autêntico e original. Um Eric Hobsbawm médico, comerciante (seguindo a tradição da família), ou piloto de aviação ocupação em voga entre os jovens da época. Hobsbawm não era apenas um historiador, era a história viva personificada e encarnada. Por essas e por outras indico que seu livro mais autobiográfico é justamente a *Era dos Extremos*.

Outro ponto que destaco da obra de Hobsbawm diz respeito à tríade: *Rebeldes Primitivos* (1959) (HOBSBAWM, 1970), *Bandidos* (1959) (HOBSBAWM, 2010) e *Capitão Swing* (1969) (HOBSBAWM, 1982); e que foi muito bem apontado e discutido por Michel Lowy (2000).

Hobsbawm coloca que estes movimentos milenaristas aconteceram dada a rápida expansão do capitalismo no campo, destruindo modos de vida e ameaçando uma organização social estruturada. Portanto, ao que parece, seguindo com o marxismo aponta que o choque entre forças produtivas e relações de produção, provocou as revoltas como a revolução russa, a cubana, a Revolução cultural Chinesa, ou mesmo de Chiapas no México. Casos interessantes exaustivamente estudados pelo historiador britânico como os movimentos libertários anarquistas do sul da Espanha ou da Itália meridional como em *Rebeldes*

Primitivos, e que antecedia a formação da massa camponesa que seria a última expressão do milenarismo. Em *Rebeldes Primitivos* (HOBSBAWM, 1970, p.13-14) o autor apontava:

Embora os movimentos deles sejam, portanto e em diversos aspectos, cegos e hesitantes em relação aos *standards* dos movimentos modernos, não são nem sem importância nem marginais. [...] foi a consciência política que eles adquiriram que tornou o nosso século o mais revolucionário da história. [...] diferem dos ingleses por que não nasceram dentro de um mundo capitalista [...]. Palavras como “primitivo e “arcaico” não deve, porém, nos enganar. Os movimentos discutidos neste livro possuem, todos eles, uma considerável evolução histórica pois pertencem a um mundo que, há muito conhece o Estado [...]

O Estado, como se sabe, identificado desde a sua gênese com o surgimento do capitalismo. Mas é a incapacidades destes movimentos ditos milenaristas (a mais apurada deles), ou de banditismo social (a mais arcaica e primitiva) de se aliar com movimentos urbanos que detém a tecnologia moderna, informação, e o desapego típico da liberdade que condenaram os movimentos ao fracasso. São condenados ao fracasso enquanto formas de intervenção que, segundo o autor aponta, buscava a preservação e a conservação (de valores, modo de vida, estética, etc.), mas ao mesmo tempo representam (mais os movimentos milenaristas) o grande fermento revolucionário do Século XX.

A leitura que fez das sociedades ditas primitivas ou rurais, e da ação e atuação da classe, (e da sua formação) mantêm fiel sua posição, como dito, “historiador marxista”. Suas opções como intelectual engajado e homem de esquerda identifica-se com a originalidade da sua vida, da sua obra e de seu pertencimento. As opções que fez na vida (pelo “comunismo”) o comprometeram decisivamente com a sua existência por demais marcada pela sua condição e pertencimento. Chega uma hora (no caso penso mais na abertura dos crimes de Stalin) que não se pode voltar atrás. Tem-se que se seguir com seus erros e acertos, ou para além dos miúdos julgamentos morais. O autor havia pontuado em entrevistas esta posição de não romper com as suas escolhas (sua tradição) aquilo que foi sua vida em tudo que acreditou para a transformação da realidade. Uma posição de “homem de rocha”, que faz lembrar, mesmo entre erros e acertos do ascetismo e honestidade moral de Prestes a frente do Partido Comunista; ou mesmo das “lendas” contadas sobre os dias que João Amazonas, já em idade avançada, teria ficado em cima de uma árvore escapulindo de uma onça. (quando desceu teria sem reclamações nem descansar, seguido para outra missão) Convicção que fazem alguns

serem tão ascéticos em suas escolhas: “navegar é preciso, viver não é preciso”. Mesmo que algumas vezes se caia em tentações...

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Obras escolhidas, v.3).

HOBSBAWM, E. **Como mudar o mundo: Marx e o marxismo, 1840-2011**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **Bandidos**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

_____. **Rebeldes primitivos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

HOBSBAWM, E.; RUDÉ, G. **Capitão Swing**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

LÖWY, M.; BENSÁID, D. **Marxismo, modernidade e utopia**. São Paulo: Xamã, 2000.